

(ORGS.)
PIERRE GUISAN
JOAO BAPTISTA DE MEDEIROS VARGENS
RAINER GUGGENBERGER

O papel das línguas, das escritas e das literaturas na formação das identidades

**O papel das línguas,
das escritas e das literaturas
na formação das identidades**

EDITOR-CHEFE

Pablo Rodrigues

COMISSÃO CIENTÍFICA

Celina Maria Moreira de Mello (UFRJ)

Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti (UFF)

COMISSÃO CONSULTIVA

Fabiano Dalla Bona (UFRJ)

Rodrigo Silva Ielpo (UFRJ)

COMISSÃO EDITORIAL

Andrea Lombardi (UFRJ)

COMISSÃO EXECUTIVA

Letícia Rebollo Couto (UFRJ)



PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM LETRAS NEOLATINAS

[2022]

Desalinho publicações

Rua Caricó, S/N

São João de Meriti — RJ

Telefone: (21) 994428064

www.desalinhopublicacoes.com.br

desalinhopublicacoes@gmail.com

(ORGANIZADORES)

PIERRE GUISAN

JOÃO BAPTISTA DE MEDEIROS VARGENS

RAINER GUGGENBERGER

COLETÂNEA DO 1º SIELCC

DA FACULDADE DE LETRAS DA UFRJ

O papel das línguas, das escritas e das literaturas na formação das identidades

Copyright © 2022 by Pierre Guisan, João Baptista de Medeiros Vargens, Rainer Guggenberger, Desalinho.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1900, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Pablo Rodrigues

IMAGEM DE CAPA

Jr Korpa/Unsplash©

FINANCIAMENTO PARA ESTA PUBLICAÇÃO

CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)

Programa de Pós Graduação em Letras Neolatinas da UFRJ

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

O Papel das línguas, das escritas e das literaturas na formação das identidades / (organizadores) Pierre Guisan, João Baptista de Medeiros Vargens, Rainer Guggenberger. – São João de Meriti, RJ : Desalinho, 2022.

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-88544-26-6

1. Escrita – Aspectos sociais 2. Identidade cultural 3. Língua e linguagem 4. Linguística 5. Literatura e sociedade. I. Guisan, Pierre.
- II. Vargens, João Baptista de Medeiros. III. Guggenberger, Rainer.

22-112841

CDD-401

Índices para catálogo sistemático:

1. Línguas e literatura : Identidade cultural :
Linguística 401

Eliete Marques da Silva – Bibliotecária –
CRB-8/9380

Os conteúdos dos textos são de inteira responsabilidade dos autores e das autoras.

Sumário

Prefácio

PIERRE GUISAN 13

Heranças culturais do contato franco-tupi ocorrido durante o século XVI no litoral do Rio de Janeiro com o auxílio dos turgimãos

WESLEY ALVES DE ARAUJO 17

A conversa é outra: normas discursivo-interacionais de minorias linguísticas

BEATRIZ CHRISTINO 33

A dinâmica do contato de línguas e culturas

HILDO HONÓRIO COUTO 51

Da imagem ao imaginário da Sicília

FABIANO DALLA BONA 71

**Prática de linguagem nas políticas de acolhimento:
a construção de um programa de ação com refugiados**

BRUNO DEUSDARÁ 103

**Políticas educacionais dos Habsburgos
da segunda metade do século XVIII até 1848**

RAINER GUGGENBERGER 121

**A medição do tempo: ciência, cultura ou religião?
Os nomes dos dias da semana: entre os cultos
aos deuses... e o comércio**

PIERRE GUIBAN 137

**Língua, Cultura e identidade linguístico-cultural:
o caso da língua italiana “standard”**

ANNITA GULLO 155

**Modiano e Perec: judeidade e traçamento
como memória potencial**

RODRIGO IELPO 173

**Religião, língua e cultura: a respeito da “árabo-islamidade”
no Sudoeste do Mar Mediterrâneo**

LATIFA LAKHDAR 185

**O português do Brasil e o francês no contexto
das línguas românicas**

MARIA EUGÊNIA DUARTE LAMMOGLIA 205

**Normatização, preconceito e estereótipos linguísticos
no Brasil**

DANTE LUCCHESI 223

**Correlações perceptuais e acústicas de riso espontâneo
vs. riso social**

TAKA AKI SHOCHI, MARINE GUERRY, JEAN-LUC ROUAS,
TOYOAKI NISHIDA E YOSHIMASA OHMOTO 241

**Árabes cristãos e negros muçulmanos:
culturas em contato no Brasil**

JOÃO BAPTISTA DE MEDEIROS VARGENS 259

Sobre os autores 277

Los otros que al
copiarlos de
do y bajo la
la producción
de El Estan
de los artistas y
de los escritores
esta obra y con
labra

Para Pierre Guisan.

Talvez coubesse no espaço uma elegia, pois essa seria uma forma de homenagear o organizador da presente coletânea, Prof. Pierre Guisan, que nos deixou de forma abrupta há pouco. Faltam, entretanto, ao autor as qualidades necessárias de que dispõem, apenas, os artistas da poesia, cultores do discurso da melancolia e da nostalgia. Desse modo, bem melhor celebrar suas realizações e suas preocupações com a dinâmica da vida, na tentativa de compreendê-la, interpretá-la, à luz das ciências humanas, mais precisamente desvelando as íntimas relações entre as línguas e as suas literaturas.

Pierre não se conformava com as estruturas estratificadas da universidade e preconizava um labor interdisciplinar, capaz de romper fronteiras e se aproximar das imposições do mundo contemporâneo. Entre seus questionamentos, sobressaía a necessidade de um aprofundamento dos estudos sobre as consequências dos processos migratórios – ontem e hoje – ensejando uma nítida transformação dos mapas geolinguísticos e, conseqüentemente, sua influência no perfil das novas identidades culturais em formação.

Com certeza, muitos conflitos hodiernos surgem pela incompreensão das tradições e dos valores do outro, agora vizinho de rua, de bairro. Dramas, motivados por causas diversas, a maioria por interesses econômicos, obri-

gam descolamentos populacionais em grande número, provocando, assim, terríveis tragédias sociais.

Em conversa na sala Alphonse Nagib Sabbagh, destinada a estudos do Setor de Árabe, Pierre dizia-me de seu projeto tendo em vista oferecer uma disciplina na Pós-Graduação, cujo tema seria “Línguas e Culturas em Contato”. Na oportunidade, perguntou-me da minha disposição em colaborar. Aceitei o desafio e, durante três semestres, a disciplina contou com a adesão de mestrandos e de doutorandos, com média de, aproximadamente, vinte alunos por período.

Tamanhas foram as novidades apresentadas pelo Prof. Pierre que resolvi não apenas contribuir modestamente com as minhas aulas, mas, principalmente, acompanhar todas as suas lições, não perdendo um só encontro. Aprendi muito.

Por fim, felicito todos que contribuíram e se esforçaram para a feitura e a publicação da obra e espero que as investigações na área de Línguas e Culturas em Contato prosperem nas Faculdades de Letras e, dessa forma, estará perpetuada a memória de nosso Amigo, o Eminentíssimo Professor Titular da Faculdade de Letras da UFRJ, Pierre Guisan.

JOÃO BAPTISTA M. VARGENS

Contatos e conflitos: Identidades e culturas — Territorialidades e “*continua*”; nomadismos, contatos e conflitos

PIERRE GUISAN

O vínculo entre a fala e a escrita pode e deve ser examinado na perspectiva do contato cultural e linguístico. Os mitos do nascimento da escrita procedem em grande parte de preconceitos que dizem respeito ao que se costuma chamar de invenção da escrita. O que veio antes, a fala, ou a escrita? Qual foi e qual é a função da escrita dentro de determinada sociedade ao longo da História? Comunicar, perenizar, elitizar ou democratizar? Tentaremos mostrar a complexidade e os paradoxos que regem as relações nada evidentes entre línguas oral e escrita. Enfim, veremos que é provável que estejamos assistindo nos dias de hoje, depois de tantas outras, a uma nova revolução que resultará em transformação radical do lugar da escrita nas sociedades.

Pretendemos mostrar que há uma confusão recorrente entre língua (oral) e escrita, não apenas no discurso do dia a dia, mas também nas conceituações tradicionais ditas científicas, pelo fato de as duas modalidades de comunicação serem geralmente consideradas como uma se espelhando na outra, e de se esquecer que de fato elas não preenchem as mesmas funcionalidades.

Ao examinarmos as origens e as transformações das escritas, assim como as diversas hipóteses com as quais preenchemos as nossas ignorâncias,

só podemos verificar que as transformações ou mudanças que afetam as línguas e as suas escritas caminham por itinerários diferentes, com ritmos diferentes, e condicionadas por fatores divergentes.

Até hoje, a definição daquilo que é uma língua, em oposição, por exemplo, a uma variedade, um dialeto, um socioleto ou um registro, está longe de ser um ponto pacífico. Geralmente, recorre-se à escrita para caracterizar uma língua, em oposição a outros “falares” de menos prestígio. Como se pode sustentar tal uso da escrita, já que parece ser demonstrado que uma língua e a escrita da qual se faz uso em determinada sociedade são na verdade objetos diferentes?

Enfim, faz parte de tal visão “ideológica” uma “metaforização” comum das línguas, que contribui para aumentar a confusão na reflexão sobre a história das línguas e da linguagem, quando se tornam seres vivos, com árvores genealógicas, que falam de línguas irmãs, ou de línguas que resultam de contato ou de casamento, e assim por diante... Trata-se claramente de uma descrição explicativa que data do triunfo do positivismo no século XIX. Só que as línguas não são objetos, ainda menos seres vivos, mas são processos. Ao contrário da escrita, que pode ser tanto um objeto material, como uma técnica.

Resumindo, a proposta seria um questionamento e um reexame crítico de categorias tidas até agora como sendo noções consensuais, no que diz respeito em particular a: língua oral versus língua escrita, norma versus variedade, tipologia das escritas, família de línguas e contato linguístico. Para tanto, recorreremos aos dados variados dos quais dispomos atualmente sobre a história das línguas, as diferentes técnicas de escritas tanto ao longo da história como na atualidade, os objetivos – e preconceitos – da dialetologia, as metas dos dicionários linguísticos, os pressupostos da educação linguística escolar, e as mudanças. O vínculo entre a(s) identidade(s) e a(s) cultura(s) pode e deve ser examinado na perspectiva do contato e do conflito linguístico. Os mitos da formação de uma cultura procedem em grande parte de preconceitos que dizem respeito, dentre outras coisas, ao que se costuma chamar de invenção da escrita. O que veio antes, a fala ou a escrita, o gesto ou a fala? Como se deu a relação entre transmissão de mitos, escrita e religião? Qual foi e qual é a função da cultura ou da identidade na formação das línguas ao longo da História? A função da escrita seria de comunicar, perenizar, elitizar ou democratizar? Tentaremos mostrar a complexidade e os paradoxos que

regem as relações nada evidentes entre esses conceitos. Enfim, veremos que é provável que estejamos assistindo nos dias de hoje a uma nova revolução que transforma radicalmente o lugar da língua, da cultura, da identidade e da escrita nas sociedades – revolução geralmente associada à globalização e à internet.

Em princípio, existe uma situação de conflito resultando das funções antagônicas da língua dita oral – processo em constante mudança – e da escrita – que, fixada em papel ou em outro suporte, visa a se perenizar, ou seja, a se imobilizar, muito antes da função comunicativa geralmente alegada.

Ao examinarmos as origens e as transformações das línguas e das escritas, assim como as diversas hipóteses com as quais preenchemos as nossas ignorâncias, só podemos verificar que as transformações ou mudanças que afetam as línguas e as escritas que lhes são associadas caminham por itinerários diferentes, com ritmos diferentes, e condicionadas por fatores divergentes, sejam eles culturais ou identitários, resultantes de contatos e / ou conflitos.

As línguas também ora se movem, se deslocam, ora fincam pé, dando então argumento a quem as defende como patrimônio conservador, ameaçado por “bárbaros”; da mesma forma, os povos podem mudar de território, levando ou não as suas línguas na bagagem...

Resta tirar partido do rico acervo que está a nossa disposição, em particular do acúmulo de documentos constituído ao longo dos séculos em determinadas regiões paradigmáticas, como o mar Mediterrâneo, ou a América Latina. Tais documentos nem sempre foram aproveitados na perspectiva globalizante, interdisciplinar e ecológica que estamos propondo aqui.

Mais particularmente, nossa proposta seria um questionamento e um reexame crítico de categorias tidas até agora como noções consensuais, no que diz respeito em particular a: contato e conflito linguístico, língua oral versus língua escrita, norma versus variedade, tipologia das escritas e família de línguas. Para tanto, recorreremos aos dados variados dos quais dispomos atualmente sobre a história das línguas, as diferentes técnicas de escritas tanto ao longo da história como na atualidade, os objetivos – e preconceitos – da dialetologia, os atlas linguísticos, os pressupostos da educação linguística escolar, *last but not least*, as mudanças nos tempos de hoje, com os nem tão novos meios de comunicação e de armazenamento.

Enfim, ao relacionar conjuntos linguísticos com esferas religiosas, poderemos denunciar de que forma houve instrumentalização dos produtos

culturais, sejam eles línguas, mitos ou religião, com a intenção de fragmentar as comunidades humanas e de construir e manter poderes que se apropriam de legitimidades contestáveis. Esta consideração permite inserir as pesquisas na área das ciências humanas num projeto que seja verdadeiramente de grande importância para o futuro imediato das nossas sociedades modernas.

Concluindo, não é possível entender esses processos complexos que são as línguas e as escritas sem levar em conta culturas – e em particular as religiões – com as quais interagem, embora possam realizar tais interações conservando um grau considerável de autonomia. As perspectivas propostas pela ecolinguística oferecem propostas fascinantes nessa direção. E em particular, queremos aqui dar destaque aos territórios e às fronteiras que se pretende frequentemente definir através das línguas. Mas as línguas podem ser mais nômades do que os povos que fazem uso delas. Isso constitui outro mito histórico do qual convém se desfazer através de observações atentas e objetivas.

Finalmente, me cabe aqui agradecer imensamente aos autores que aceitaram participar com os artigos que compõem este livro, cada um na sua especialidade, com a sua competência e as suas preocupações, propiciando um quadro de reflexão multidisciplinar suscetível de contribuir para o avanço do pensamento sobre línguas e culturas em contato, de tanta importância nos dias conturbados que estamos vivendo.

RIO DE JANEIRO, NOVEMBRO DE 2018

CAPÍTULO 1

Heranças culturais do contato franco-tupi ocorrido durante o século XVI no litoral do Rio de Janeiro com o auxílio dos turgimões

WESLEY ALVES DE ARAUJO¹

Pouco importa onde nascemos, Hamidou. A identidade é ponto de partida, não de chegada. É pano de fundo, não um script fechado. Preciso do outro para alcançar-me.

Marco Lucchesi

Em 1557, chegou à Baía de Guanabara a primeira frota Reformada² da França, trazendo consigo o projeto de um grupo que almejava criar nas *terras brasílicas* uma colônia onde, segundo um dos responsáveis por esta empreitada, seria instaurado um ambiente de bonança, abrigando todo e qualquer indivíduo que buscasse a paz não encontrada até então na Europa. Mas não eram os primeiros franceses a chegarem à Guanabara. Villegagnon, líder da chamada França Antártica, chegara meses antes para criar ali uma base

1. Mestre pelo Programa de Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, tendo sido bolsista do CNPq.

2. Os Reformados eram partidários do calvinismo. A frota que trouxe Jean de Léry em 1557 à Baía de Guanabara era constituída em sua maior parte por adeptos desse movimento religioso, um dos fatores que veio a enfraquecer a França Antártica por conflitos de doutrina e liturgia.

que tinha por real objetivo a proteção dos interesses franceses no território tupinambá. Antes dele, especificamente a partir da primeira década de 1500, piratas e corsários do reino da França já circulavam entre os ameríndios do litoral, promovendo progressivamente uma boa relação com a nação que odiava os *perós*.³

Tal contato ultrapassou a fronteira das relações política e econômica (ainda que para os interesses franceses esses tenham sido de fato o principal objetivo ao pôr em prática este intento “solitário”⁴ de colonização na região da Baía de Guanabara), deixando como legado os resultados culturais presentes em diversas áreas, como nos pensamentos filosóficos de Montaigne e Rousseau, na Literatura dos relatos de viagem, nas transcrições linguísticas feitas por Jean de Léry e mesmo em artefatos arqueológicos encontrados no Sítio Serrano, em Araruama, o que corrobora ainda mais a ideia de que as culturas francesa e tupinambá exerceram uma sobre a outra suas influências, seja no que diz respeito a questões subjetivas, como dito acima, seja no que concerne à praticidade do cotidiano.

De fato, o contato entre franceses e ameríndios, muito antes de ser franco-tupi, foi, talvez, franco-guarani, na até hoje constestada ocasião em que Binot Paulmier de Gonneville, em 1504, leva à França o que teria sido o primeiro autóctone brasileiro a visitar as terras francesas, um carijó chamado *Essomeriq*, que segundo Jean Paulmier de Courtonne, descendente de Gonneville, habitou na França até o dia de sua morte, tendo herdado a fortuna de Binot Paulmier e ainda deixado descendência com uma de suas parentes. Tal história, inspiradora do premiado romance *Vinte Luas* (1993), de Leyla Perrone-Moisés, e embora alvo de controvérsias, não está muito longe da realidade aqui apresentada, a de que franceses e indígenas, principalmente tupinambás, estiveram em contato desde o início do século XVI, criando relações políticas, econômicas e familiares entre as duas nações. Em *Histoire du Brésil Français* (1878), Paul Gaffarel escreve:

3. Nome pelo qual os tupinambás chamavam os portugueses no século XVI.

4. Solitário devido ao fato de não haver por parte da França uma política colonial no século XVI. Embora as terras brasileiras tenham sido desde o início observadas pelos reis da França, somente permissões de pilhagens eram dadas a corsários para que explorassem as terras tupinambás. Todo o intento de estabelecer uma colônia francesa na região da Baía de Guanabara era sustentado financeiramente por terceiros como Gaspar de Coligny, principal idealizador do projeto, e que deu nome à base chamada de Forte Coligny, situada na ilha hoje conhecida como Ilha de Villegagnon.

Les relations entre la France et le Brésil furent plus fréquentes et devinrent presque régulières. Hans Staden, le prisonnier allemand, dont nous avons à plusieurs reprises cité la relation, parle comme d'une chose toute naturelle des voyages des Français (GAFFAREL, 1878, p. 112).⁵

Esta afirmação, assim como a leitura da obra de Staden, nos permite vislumbrar uma proximidade habitual e bem-sucedida entre tupinambás e franceses durante a primeira metade do século XVI. Para que tais relações se tornassem naturais, como Gaffarel diz da relação franco-tupi observada por Staden, era necessário que houvesse certo tempo para a aproximação de ambos os lados, afinal, relacionamentos não se constroem de um dia ao outro, principalmente alianças que acabam assumindo posições específicas na polarização da corrida colonial da Era das Grandes Navegações.

Em *Lez Singularitez de la France Antarctique*, obra publicada em 1558 e que relata a experiência do frade André Thévet durante sua estadia nas terras brasílicas em 1555, lemos o seguinte trecho: “Voylà quât à la religion de noz Barbares ce que oculairement i'en ay congnu et entendu, par le moyen d'un truchement François, qui auoit là demeuré dix ans, et entendoit parfaitement leur langue” (p. 140).⁶ Através desta citação, compreendemos que no local que receberia mais tarde o nome de Rio de Janeiro, havia de fato um contato franco-tupi desde, pelo menos, o ano de 1545, calculando-se o tempo da criação da colônia (1555) e o tempo em que estes *truchements*⁷ habitavam no local. Porém, dada a história dos contatos entre esses dois povos, seja por meio de piratas ou corsários, e mesmo achados arqueológicos no município de Araruama, no Rio de Janeiro, supomos que a relação entre eles tem seu

5. [...] As relações entre a França e o Brasil foram mais frequentes, tornando-se quase regulares. Hans Staden, o prisioneiro alemão sobre o qual já tratamos algumas vezes, fala de uma forma muito natural das viagens dos franceses [...] (p. 112).

6. [...] Eis o que observamos sobre a religião dos nossos Bárbaros, que eu vi e escutei através de um *truchement* francês que havia morado naquelas terras durante dez anos, e entendia perfeitamente a língua deles. (p. 140).

7. Uma análise etimológica e histórica desta palavra será feita em um artigo a ser publicado em breve.

início ainda antes da década de 40 de 1500, no período conhecido como *pré-colonial*, e que aqui será chamado de período *pré-ocupacional*.⁸

Truchement ou turgimão, em sua tradução para o português, vem do árabe ترجمان (*targuman*) ou mesmo do aramaico de origem acadiana *targumannu*, e significa *intérprete*. Foi o indivíduo responsável pela aproximação entre franceses e tupinambás desde o início do século XVI, revelando-se importante peça para a tentativa de colonização francesa do litoral das terras brasílicas, nos séculos XVI e XVII. Assim como os degredados portugueses, esses intérpretes tinham como função o aprendizado da língua dos nativos, visando o estabelecimento de uma relação fortificada pela palavra. Não obstante, se vemos por um lado os *línguas*⁹ de Portugal sendo compostos em sua maioria por criminosos em busca de redenção, no grupo francês observamos também a utilização de crianças para exercer este papel de intermediação diante dos autóctones. Deixadas para serem criadas pelos nativos, essas pessoas cresciam nas aldeias e aprendiam desta forma a língua falada pelos senhores do litoral. Por conta desta realidade, não seria exagero utilizar a que talvez seja a melhor definição para caracterizar esses importantes personagens sem rosto do início da História entre França e Brasil. Gaffarel, em nota colocada em uma das edições de *Lez Singularitez de la France Antarctique* de André Thévet, diz:

C'étaient de hardis aventuriers qui n'hésitaient pas à se fixer au milieu des tribus brésiliennes [...] Habitué à ne compter que sur eux-mêmes, aux prises avec des difficultés sans cesse renaissantes [...] Bon nombres d'entre eux non-seulement adoptèrent la langue et les coutumes de leur pays d'adoption, mais encore poussèrent l'oubli de leur origine jusqu'à renoncer à leur religion et à prendre part aux plus horribles festins du cannibalisme (GAFFAREL, 1878, p. 72-73).¹⁰

8. Utilizamos este termo devido ao fato de acreditarmos que a nomenclatura de *período pré-colonial* não acompanha a definição da palavra colonização, visto que para nós houve de fato um dos processos do *colonizar* nas três primeiras décadas do século XVI, através da exploração, ainda que a ocupação tenha começado a partir de 1531.

9. Intérprete.

10. "Esses intérpretes normandos foram de fato nossos melhores intermediários entre os Brasileiros e nossos compatriotas. Eram audaciosos aventureiros, habituados a contar somente consigo mesmo, e que foram muito bem acolhidos pelos Brasileiros. Não somente adotaram seus usos nacionais e falaram suas línguas, mas ainda, afirma-se, acabaram por

Esses “aventureiros”, tal como o famigerado carijó Essomeriq, serviram também como inspiração para o romance francês intitulado “Rouge Brésil” (2001), de Jean-Christophe Rufin, onde vemos um casal de jovens sendo trazidos à Guanabara para servirem como *truchements*.

Segundo Jean de Léry, na obra intitulada *Histoire d’un Voyage fait en la terre du Brésil* (1578), foram trazidas na frota que aqui chegou em 1557, *six jeunes garçons* e *cinq jeunes filles*, no intuito de exercerem no futuro a função de intérpretes. Em uma tradução literal, temos como um *jeune garçon* e uma *jeune fille*, um menino e uma menina, respectivamente. É necessário ter em mente que no século XVI não havia, de fato, uma divisão que reconhecesse o limite entre a infância, a adolescência e a fase adulta de uma pessoa. Porém, podemos supor que, se neste mesmo século um rapaz entre quinze e dezesseis anos já podia de fato exercer funções bélicas por ser considerado apto, um *jeune garçon* e uma *jeune fille*, teriam provavelmente entre 10 e 14 anos de idade. Supomos que estes indivíduos eram de fato meninos e meninas pela especificação dada por Léry em seu relato (caso contrário não seria necessária tal informação no texto). Diante deste quadro, lança-se a pergunta: Por que escolher para esta função indivíduos tão jovens e com menos experiência que teriam certamente pessoas mais velhas?

Não seria exagero dizer que, sem estes intérpretes, a empreitada francesa de colonização das terras brasílicas seria um fracasso, ainda que de fato tenha sido devido à falta de uma política colonial elaborada pela França. No diálogo com o povo tupinambá, eram eles que estavam no centro, seja em situações de escambo ou mesmo em ações de intervenção cultural, o que é entendido aqui como um espaço simbólico onde ocorrem as trocas interculturais. Bhabha (1998, p. 16) diz que é justamente “na emergência dos interstícios – a sobreposição e o deslocamento de domínios da diferença – que as experiências intersubjetivas e coletivas de nação, o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados”. É necessário observar não somente a importância política exercida por estes indivíduos, mas principalmente a importância cultural que representaram e representam até hoje para o estudo das relações entre diferentes povos no decorrer da História.

A palavra *negociação*, utilizada pelo autor, se encaixa perfeitamente na figura do turgimão, o indivíduo que veicula a informação a ser passada

esquecer sua origem, ao ponto de renunciar sua religião e tomar parte em terríveis festins de canibalismo.” (p. 140).

entre os interlocutores do discurso. Através deles foram possíveis as trocas de experiência entre os relatores desta empreitada francesa no século XVI e os autóctones. Inicialmente, André Thevet fala em sua obra sobre a cultura tupinambá, englobando língua, religião e mesmo guerra, e quase sem perceber lemos capítulo por capítulo sem a percepção de que de fato não eram dele os ouvidos que escutavam as histórias contadas pelos ameríndios, e não era da sua boca que saíam as palavras certas para conhecer essas informações. Thévet, tal como Léry, não falava tupi. Somente mais à frente, no capítulo XXVIII de *Lez Singularitez de la France Antarctique*, é citada pela primeira vez a figura misteriosa deste intérprete.

Em *Histoire d'un Voyage fait en la terre du Brésil*, vemos uma maior atenção dada a eles. Nos primeiros capítulos pós-chegada à Guanabara, Léry relata a confusão gerada por um grupo de turgimãos. Ao chegar na colônia, Villegagnon se deparou com uma situação que seguia na contramão do pregado pelo cristianismo. Aparentemente, era muito comum encontrar casos de coabitação entre esses intérpretes e ameríndias. Ao ter ciência disto, o próprio líder da França Antártica ordenou que houvesse o casamento no molde cristão de todos os que quisessem continuar mantendo relações sexuais tal como vinha sendo praticado. Descontentes com a nova lei imposta a eles, as ideias de um possível “motim”¹¹ circularam entre os turgimãos, o que logo foi descoberto e severamente punido por ordens do próprio Villegagnon. A situação tensa decorrente desta e de outras diferenças litúrgicas agravou gradualmente a divergência política na colônia, existente entre os que aqui chegaram em 1555 (não adeptos das ideias calvinistas) e a frota Reformada da qual fazia parte Jean de Léry, chegada em 1557.

11. Curiosamente, a palavra *truchement*, que ainda hoje possui em sua semântica muito do sentido ligado ao intérprete na Língua Francesa (como a expressão “par le truchement de”, que significa “por intermédio de”), possui uma tradução na Língua Portuguesa. Embora totalmente desconhecidas, as palavras trugimão e turgimão, ambas sinônimas, além de possuírem o significado de intérprete, tal como em francês e no próprio árabe, podem também significar *fofoqueiro*, definição não encontrada em línguas cujo uso desta palavra foi mais importante que no próprio português. Até o momento trabalhamos com a hipótese de que uma hora ou outra o indivíduo que exerce uma função como a de um intérprete acaba por fim sendo visto como um indivíduo alcoviteiro. Outra hipótese, e que pode estar paralelamente ligada à primeira, é a de que este significado possa estar intrinsecamente ligado aos fatos ocorridos durante a complicada situação entre esses intérpretes e Villegagnon, especificamente após a organização do plano “rebelde” concebido por eles.

As contribuições destes intérpretes se ampliam a cada novo olhar sobre este objeto de estudos. Quando olhamos os resultados deixados pelo contato franco-tupi, notamos em cada detalhe os contornos da presença desses indivíduos. Os últimos capítulos do relato de Jean de Léry dizem muito em relação a isso. No capítulo XX, no qual o autor transcreve uma conversa estabelecida entre ele e um tupinambá, tem-se uma análise esmiuçada da língua falada no litoral sudeste do Brasil durante a primeira metade do século XVI, onde há também uma comparação com a estrutura da Língua Francesa. Mais uma vez, o que parece em primeira instância mais uma conversa comum entre dois indivíduos de diferentes culturas, constitui-se como um verdadeiro quadro que nos mostra a extrema importância dos turgimãos, afinal, foi somente através de um intérprete que, segundo Léry, viveu entre os ameríndios entre sete e oito anos, que se fez possível o registro deste contato. Podemos, inclusive, levantar a hipótese de que tal conversa pode ter ocorrido somente entre um intérprete e um autóctone, sem uma intervenção notável de Léry.

Do pensamento europeu no pós-contato

Mais tarde, ao retornar à França, o autor presenciaria uma situação que provavelmente o faria lembrar dos antropófagos da Guanabara. Uma família de Sancerre que comeu o corpo da própria filha morta, devido à grande fome que pairava na cidade. Seria forçoso pensar que a análise de tal situação não o remeteria à lembrança do povo que comia ritualmente a carne de seus inimigos. Para os tupinambás, este ato era envolto em uma ideia de honra, afinal, não havia nada mais digno do que ter seu corpo devorado por seus inimigos, que por sua vez, incorporavam neles a força dos guerreiros derrotados nas batalhas. Os europeus, ao contrário, “civilizados”, não tinham tal ritual. Contudo, diante da fome, o que fazer em situações extremas? Até que ponto a ideia de ser cristão e civilizado se sustentava? Eram questões que começavam a aflorar em uma sociedade que nunca havia se preocupado em se questionar sobre sua própria identidade. Este panorama parece ainda mais intrigante quando temos em mente os pensamentos pioneiros dos autores que tiveram o primeiro contato com povos desconhecidos, através dos quais tiveram um *flash* de esclarecimento sobre sua própria realidade.

Na Europa, como dito anteriormente, o contato entre os habitantes do Novo Mundo e os europeus ganhou marcas que viriam gerar inúmeros

pensamentos e trabalhos sobre os povos da América ou simplesmente sob sua influência. Além do caso de Essomeriq no início do século XVI, outro grande contato teve grande repercussão na França: o contato entre Michel de Montaigne e um possível turgimão (ou marinheiro) que havia estado no Brasil antes de regressar à Europa, homem simples e por conta disso mais confiável, segundo o humanista. O autor, baseado em suas percepções sobre o que ouvia da nova terra, publicaria mais tarde um dos mais importantes textos sobre os nativos da *terra brasilis*. *Des cannibales*,¹² capítulo XXX do primeiro livro de seus Ensaios, constitui-se ainda hoje como uma das melhores fontes para pesquisa sobre o tema. Embora o autor não tenha, tal como Thévet e Léry, visitado a Guanabara, Montaigne estabeleceu também contato com três tupinambás que haviam sido levados a Rouen em 1562, na ocasião em que esteve ele na corte do rei Carlos IX. Isto também é retratado no final do dito capítulo. Franco (1937) afirma que este é certamente o trecho do capítulo que mais trabalhos rendeu durante a história, considerando-se que é justamente nesta parte que Montaigne estabelece um contato direto com três tupinambás, ainda que por intermédio de um língua. No trecho em questão, o humanista relata o que ouviu desses ameríndios, que respondiam a um pedido que lhes havia sido feito, no qual queria-se saber o que haviam achado sobre tudo o que observaram na França. Montaigne ressalta que dentre os três pontos comentados por eles, de apenas dois se lembrava no momento em que escreveu¹³ seu texto. A propósito dos outros dois, diz que a primeira impressão tida pelos índios era o estranhamento que sentiam ao ver homens fortes, armados e com barba (a guarda suíça, segundo Montaigne) se sujeitando a uma criança, o rei de França, e por que não escolhiam um dentre estes homens para liderar. O segundo ponto de vista era sobre sua falta de entendimento no que diz respeito à organização social e econômica da sociedade francesa. Não entendiam por que alguns homens aparentavam possuir tudo, e outros nada, vivendo, inclusive, na miséria. Franco (1937) afirma convictamente que esta conversa entre os tupinambás e o senhor de

12. *Des cannibales*, no original.

13. Em curso intitulado *Mobilité des œuvres, mobilité des textes*, realizado na UFF no ano de 2015, Roger Chartier, ao tratar desses três pontos observados pelos tupinambás, destacou que o esquecimento afirmado por Montaigne neste trecho poderia ser nada menos que proposital, tendo em vista que a terceira percepção dos tupinambás teria sido, certamente, alguma opinião relacionada à Igreja, opinião esta que, para Montaigne, foi melhor ocultar.

Montaigne seria apenas uma invenção do autor, um pretexto para que pudesse escrever sobre ideias que provavelmente seriam refutadas e perseguidas na época. De acordo com Franco (1937):

Basta que averiguemos que estão ali [na conversa entre Montaigne e os ameríndios], em germe, as doutrinas mais subversivas que jamais sustentou Montaigne, traçando a sua pena, pela voz imaginária de alguns pobres índios brasileiros, um claro panorama daquilo a que, mais tarde, se chamaria luta de classes e revolução social (FRANCO, 2004, p. 185).

Sobre a nação tupinambá, o autor coloca em evidência a dificuldade em enxergar nos ameríndios a barbaridade, sendo um dos primeiros a levantar abertamente essa questão que tanta repercussão viria causar nos séculos posteriores. Ao usar o exemplo dos gregos, que acreditavam serem bárbaros todos aqueles que fossem de nações estrangeiras, Montaigne argumenta:

Nous les pouvons donc bien appeller barbares, eu esgard aux regles de la raison, mais non pas eu esgard à nous, qui les surpassons en toute sorte de barbarie. Leur guerre est toute noble et genereuse et a autant d'excuse et beauté que cette maladie humaine en peut recevoir : elle n'a autre fondement parmy eux, que la seule jalousie de la vertu. Ils ne sont pas en debat de la conqueste de nouvelles terres : car ils jouyssent encore de cette uberté naturelle, qui les fournit sans travail et sans peine, de toutes choses necessaires, en telle abondance, qu'ils non que faire d'agrandir leurs limites (MONTAIGNE, 1802, p. 259).¹⁴

Esta percepção, certamente próxima da que Jean de Léry sentiu no episódio de Sancerre, abriu as portas de todo pensamento criado sobre

14. Nós podemos chamá-los de bárbaros no que concerne à razão, mas não a nós, que nos sobressaimos diante deles em toda sorte de barbárie. Sua guerra é completamente nobre e generosa, e apresenta motivo e beleza tão grandes quanto esta doença humana pode receber: ela não possui outro fundamento entre eles do que o forte anseio da virtude. Eles não prezam a conquista de novas terras, uma vez que desfrutavam ainda dessa abundância natural, que lhes fornece sem muito esforço tudo o que necessitam, de tamanha forma, que eles somente precisam ultrapassar seus limites. [Tradução minha].

as novas terras do outro lado do Atlântico, gerando uma espécie de olhar espelhado, dada a impossibilidade de olhar o outro sem olhar para si mesmo depois ou durante os contatos.

Todas essas discussões perpassariam mentes e séculos. Além de Montaigne, outros autores vieram a ser influenciados pelas terras do Novo Mundo e seus habitantes. Isto pode ser visto em *O Elogio da Loucura* de Erasmo, na *Utopia* de Thomas Morus e mesmo na obra de Rousseau, séculos depois. Porém, não caberia aqui o aprofundamento de questões filosóficas e literárias sobre os contatos.¹⁵

Pelos olhos da arqueologia

O contato franco-tupi ocorreu em boa parte do litoral brasileiro entre os séculos XVI e XVII. Dos entornos da Baía de Guanabara até a região de Angra dos Reis, possuímos relatos de viajantes como Hans Staden, Thévet e Léry, que escreveram sobre os costumes e a convivência com os ameríndios do litoral. Através deste contato foi possível conhecer a rotina, as guerras e os medos dos senhores do litoral, bem como tomar conhecimento da história do povo tupinambá. Sabemos que os franceses mantiveram presença em pontos específicos e estratégicos do litoral, ocupando sempre regiões onde a presença tupinambá era garantida, e certamente a proteção que poderiam fornecer, tendo em vista a inimizade desta nação em relação aos portugueses. Muito é falado sobre a França Antártica e a região de Angra dos Reis (no relato de Staden), todavia, pouco ou quase nada é dito sobre a Região do Cabo Frio. Nos relatos e em textos de historiadores, o uso do termo *o Cabo Frio* parece não fazer referência ao atual município da Região dos Lagos, mas sim à toda a região que se estende de Niterói até as atuais cidades do entorno da Lagoa de Araruama. Jean de Léry relata sua passagem por esta área no início de seu relato, porém, sem dar muitos detalhes do que lá havia. Sabemos que os franceses provavelmente mantinham alguma base nesta região, porém, pelo fato de o Cabo Frio abranger uma área extensa, e também pela ausência de textos que iluminem este ponto enigmático, é difícil precisar onde. Diante

15. Da mesma forma que publicarei em breve um artigo sobre a etimologia da palavra *turgimão*, também assim o farei para tratar das influências geradas pelo contato franco-tupi na filosofia e na literatura europeia.

desta dificuldade em obter informações, somente a arqueologia parece nos fornecer um material de relevância para incluir esta região na pesquisa.

A Região dos Lagos, especificamente, é uma importante fonte de estudos no meio arqueológico, principalmente no que diz respeito à população sambaquieira, grupo que já habitava o litoral antes da transumância tupi da Amazônia até o sudeste do Brasil. É também cenário de exploração e compreensão das tribos indígenas que habitaram aquelas terras até a chegada europeia na região. Para isso, as pesquisas feitas em sítios arqueológicos em alguns municípios nos possibilitam obter respostas que estão ausentes nos relatos europeus da época. E quando mencionamos a palavra *europeus*, nos referimos basicamente aos franceses, tendo em vista que somente após a fundação da cidade do Rio de Janeiro em 1565, e após a Guerra do Cabo Frio em 1575, que dizimou os nativos da região, é que teremos de fato a presença portuguesa nessas terras.

Araruama é um dos municípios da região com maior quantidade de sítios arqueológicos. Dentre eles, destaca-se o Sítio Serrano, local de importantes achados que auxiliam na compreensão dos contatos. Buarque e Oliveira (2003), sobre os achados no sítio, diz:

[...] salta a quantidade altamente significativa de peças “pré” e pós-contato [...] a camada de ocupação é de 30cm. Nela verificamos não só a convivência de artefatos de tecnologia lítica muito anterior, como facas líticas com retoques por pressão e lascões de quartzo hialino; bem como instrumentos de tecnologia mais recente como polidores de hastes e machados de pedra polida. A cerâmica, nesse espaço, funciona como elo de ligação com a outra cultura com a qual divide o espaço, a europeia (BUARQUE e OLIVEIRA, 2003, p. 2).

Esta citação corrobora o valor da arqueologia no trabalho de compreensão dos povos e contatos na região. Cada item encontrado por pesquisadores se mostra como parte de um relato escrito que nunca existiu. Além disso, em meio a tantos pequenos achados como facas, machados e cerâmica, uma cota de malha normanda se faz presente. A cota, em exibição no Museu Nacional do Rio de Janeiro, teria pertencido a um nobre francês, visto que soldados não possuíam condições para trajar peças como essa. Temos então outra questão em jogo: por que uma peça de tamanho valor se encontrava em

uma aldeia tupinambá? Seria o resultado de um escambo? Caso seja, teremos então a hipótese de que as relações entre franceses e tupinambás eram mais próximas do que pensamos, visto que, ao analisarmos a história do escambo entre europeus e indígenas, observamos sempre uma troca assimétrica, pois ao lermos os relatos da época, temos de um lado o indígena que fornece pássaros exóticos e pedras preciosas, e do outro o europeu que, por sua vez, distribui facas, espelhos e camisas para as trocas. Dar a um nativo um objeto de tamanho valor demonstraria, no mínimo, uma maior aproximação franco-tupi. Sobre essas relações de trocas, Buarque e Oliveira (2003) afirma: “A tomarmos como base as práticas dos línguas e dos corsários, o escambo nesse sítio está posto em todas as vertentes” (BUARQUE e OLIVEIRA, 2003, p. 7).

Esses artefatos encontrados ao longo das pesquisas na região fornecem, sem dúvida, provas de que franceses e ameríndios mantiveram contatos frequentes. Heranças culturais do contato franco-tupi podem ser vistas em artefatos ainda mais simples que a cota normanda ou facas francesas trocadas por produtos da terra *brasilis*. Segundo Buarque (2003):

É certo que os primeiros náufragos, desertores, línguas e soldados não só incorporaram hábitos das tribos, eles também as influenciaram. Nesse sentido, a cerâmica denominada Neo-brasileira (Neo-Brazilian Tradition), característica desse momento, deve ser interpretada com vistas a essa consideração. Ela, que é uma tradição cerâmica notadamente do período de contato, por possuir itens funcionais antes desconhecidos, mas muito utilizados nos artefatos de cerâmica do “Velho Mundo”. Gargalos, alças, afunilamentos de extremidades e bordas com farto reforço, antes desconhecidos pelos nativos, são incorporados a antigas formas consagradas de cerâmica nativa. Essa inovação, altamente característica da interação cultural ocorrida, demonstra que se em um primeiro momento os europeus abandonaram as vestes e se regalaram em rituais antropofágicos, em outro implantaram na cultura material nativa elementos funcionais facilitadores da tralha doméstica de sua cultura europeia (BUARQUE & OLIVEIRA, 2003, p. 12).

A riqueza destes artefatos muito nos diz sobre as influências mútuas geradas a partir do primeiro contato entre dois diferentes povos. Afinal, a partir do momento em que encontramos uma nova forma de vida, torna-se

improvável uma volta à forma primeva de ser e de enxergar o mundo ao nosso redor.

Como dito anteriormente, a presença dos intérpretes, embora discreta nos relatos de viagem da época, é sempre a base para tudo o que sabemos sobre os costumes e vida dos povos ameríndios, seja nas transcrições ou nas conversas entre navegadores europeus e seus aliados indígenas durante o escambo. No caso dos artefatos encontrados no Sítio Serrano, isto não é diferente. Os objetos que demonstram, de alguma forma, as influências culturais exercidas pelos europeus sobre os tupinambás da região, embora não deem prova disso, relatam silenciosamente que por ali também andaram intérpretes, e logicamente podemos concluir que sem eles nada disso poderia ter sido feito.

Tendo em vista a importância desses indivíduos, uma pesquisa mais aprofundada sobre sua formação e função se faz necessária. Este campo de estudos, porém, parece se mostrar por vezes estéril quando nos baseamos somente em relatos de viagem de navegadores do século XVI para entender quem eram os turgimãos. Sua menção quase nula (talvez ingrata) por parte dos navegadores torna difícil o conhecimento amplo dessas pessoas com a simples leitura desses relatos. Como dito no início deste texto, em um próximo artigo trabalharei no intuito de esclarecer pontos que atualmente parecem não possuir relevância no que se tem produzido no Brasil sobre estes intérpretes. É importante salientar que o estudo histórico desses “profissionais” é relevante para o entendimento de sua origem e sua função na sociedade da época.

Entender quem eram esses línguas é também compreender o tipo de relação que cada país possuía com a ideia da colonização. Assim como as diferentes embarcações utilizadas pelas potências europeias durante a colonização, bem como as distintas maneiras de construir políticas coloniais na Era das Grandes Navegações, as atribuições dadas aos indivíduos que atuavam como intérpretes parecem também ser motivadas por fatores específicos a depender de cada país. Ao observarmos o caso do Brasil, por exemplo, notamos o uso habitual dos chamados degredados por parte dos portugueses, no intuito de exercerem a função de intermédio entre os colonizadores e os ameríndios. Estes indivíduos eram, em sua maioria, criminosos lançados ao exílio, geralmente mandados à terra em situações em que possíveis hostilidades pudessem existir por parte dos indígenas. É importante dar ênfase na palavra *intermédio*. Os degredados, assim como a maior parte dos línguas

da época, não exerciam somente a função de simples tradutores orais. Eram, acima de tudo, intermediadores, ora com funções linguísticas nos discursos, ora com um papel diplomático, quando sua presença e conhecimento apaziguadores se faziam necessários nas negociações.

Bagno (2016) tece considerações sobre como a Espanha fazia uso desses indivíduos, demonstrando a existência clara de uma diferença de valores dada a eles por parte da Coroa espanhola. Segundo o autor, durante a colonização em Yucatán, os línguas eram também utilizados como intérpretes e intermediadores com os autóctones. Porém, ao contrário do que ocorria na maioria das vezes no Brasil, os *turgimãos* espanhóis eram, em grande parte, formados por indivíduos com maior valor social, especificamente religiosos cujas responsabilidades iam desde a simples tradução oral à escrita de vocabulários e gramáticas da língua maia, material que servia para a formação de futuros missionários.

É interessante observar a diferença do valor atribuído aos intérpretes em diferentes intentos coloniais, como de Portugal, Espanha e também da França, caso que vimos no início deste artigo. Detalhe em comum entre todos estes casos é a extrema importância destes indivíduos para a colonização da América e também da África, situação que abordarei em um próximo artigo a ser publicado.

Independentemente do local de origem destes línguas, é difícil não admirar o processo pelo qual eles passaram, saindo, a depender da situação, das margens da sociedade a funções importantes para a manutenção das colônias. Um processo de mudança que foge da ordem natural do ser humano se constitui intrigantemente em uma sociedade aparentemente estática sob o véu de doutrinas e preceitos morais e sociais. A convivência em grupo com sua própria cultura trocada, talvez à força, pela posição de intermediário imposta entre o seu povo e o desconhecido; a saída do lugar para o não-lugar em que foram postos estes indivíduos. Todo este panorama certamente se constitui como importante e essencial fonte de pesquisa para sabermos um pouco mais sobre como se deram as negociações culturais entre franceses e tupinambás.

Referências

BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renato Gonçalves. Belo Horizonte. Editora UFMG, 1998. Disponível em <<https://teoliteraria.files.wordpress.com/2013/02/bhabha-homi-k-o-local-da-cultura.pdf>>. Acesso em: 5 ago. 2017.

BUARQUE, A.; OLIVEIRA, J. C de. *O Sítio Serrano: Franceses e Tupinambás Desconheciam o Testamento de Adão*. In: Arqueologias da América Latina, 2003, São Paulo. XII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira Arqueologias da América Latina. São Paulo: All Print Produções, 2003. v. 1. p. 165.

Dictionnaire Historique de la langue française. Ed. Dictionnaires Robert. Dir. Alain Rey. Paris. 1992. Page 2181.

FRANCO, A. A. de M. *O índio brasileiro e a Revolução Francesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: TOPBOOKS, 2004.

GAFFAREL, P. *Histoire du Brésil Français*. Paris, 1878. Disponível em <<https://archive.org/details/histoiredubrsi00gaff>>. Acesso em: 21 ago. 2017.

LÉRY, J. de. *Histoire d'Un Voyage Fait en la Terre du Brésil*. Suisse, 1972. Disponível em <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k580169>>. Acesso em: 13 ago. 2017.

MONTAIGNE, M. de. *Essais de Michel seigneur de Montaigne – Tome premier*. Paris, 1802. Disponível em <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1040151x/f7.image>>. Acesso em: 20 mai. 2018.

SILVA-REIS, D.; BAGNO, M. *Os intérpretes e a formação do Brasil: os quatro primeiros séculos de uma história esquecida*. Cad. Trad., Florianópolis, v. 36, nº 3, p. 81-108, set.-dez./2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2016v36n3p81>>. Acesso em: 20. mai. 2018.

THÉVET, A. *Les Singularitez de la France Antarctique*. Nouvelle Édition. Paris, 1878. Disponível em <<https://archive.org/details/singularitezdela00thevrich>>. Acesso em: 11 ago. 2017.

DESALINHO PUBLICAÇÕES

Este livro foi editado em São João de Meriti-RJ.
E impresso na psi7 em São Paulo-SP

FONTE Adobe Devanagari e Bio Sans
IMPRESSÃO 2022



PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM LETRAS NEOLATINAS

ISBN 978-65-88544-26-6



9 786588 544266